



UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE LUZIÂNIA
PEDAGOGIA

ELIZAMAR GALVÃO DE SÁ LOPES

AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: Um estudo a partir do diálogo do
professor e educando

**LUZIÂNIA – GO
2021**

ELIZAMAR GALVÃO DE SÁ LOPES

**AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: Um estudo a partir do diálogo professor
e educando**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia, pela Universidade Estadual de Goiás – Unidade Universitária de Luziânia, sob a orientação da Mestra Luciana Caprice Silva Santos da Rocha.

LUZIÂNIA – GO

2021

Agradeço em primeiro lugar a Deus, pois se não fosse Ele eu não teria chegado até aqui, a nossa intimidade é tudo de mais precioso que eu tenho na vida. Gratidão meu Deus!

A minha família que me incentivou e me apoiou nessa tomada de decisão e em especial a minha mãe, por todo incentivo, orações e amor, a minha irmã Elizane Galvão por toda motivação, confiança e carinho durante esses anos, a minha filha, e meu marido que acredita nos meus sonhos, amo vocês...

As amigadas que construí durante esses quatro anos. A professora Luciana Caprice que tenho admiração e muita gratidão por tudo, todo empenho em contribuir com a minha formação. Obrigada pelo carinho e amizade... A você o meu muito obrigada!

Dedicatória

“Está na lógica organizadora de qualquer sistema de ideias, resistir à informação que não convém ou não pode assimilar”.

Edgar Moran (s.d)

AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: Um estudo a partir do diálogo do professor e educando.

Elizamar Galvão de Sá Lopes¹

Universidade Estadual de Goiás²

RESUMO: O presente artigo traz a seguinte questão norteadora, que é: como o diálogo favorece a afetividade na Educação Infantil? Dessa forma, tem o objetivo de compreender como o diálogo contribui para a afetividade na Educação Infantil. E, os objetivos específicos foram: conceituar a afetividade; conceituar o diálogo e verificar quais as contribuições do diálogo para a efetividade na Educação Infantil. Por meio de uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico, essa pesquisa aponta que o diálogo possibilita o conhecimento com maior facilidade. À Luz de Chalita (2001), Freire (2000, 2011), Saviani (2008); Severino (2009); e, Síveres (2015, 2016, 2018), dentre outros autores, essa investigação traz outras reflexões e análises.

Palavras-chave: Infância. Afetividade. Diálogo. Educação Infantil.

ABSTRACT: This article brings the following guiding question, which is: how does dialogue favor affectivity in early childhood education? Thus, it aims to understand how dialogue contributes to affectivity in early childhood education. And, the specific objectives were: to conceptualize affectivity; conceptualize the dialogue and verify the contributions of the dialogue for effectiveness in Early Childhood Education. Through a qualitative research of a bibliographic nature, this research points out that dialogue makes knowledge easier. In the Light of Chalita (2001), Freire (2000, 2011), Saviani (2008); Severino (2009); and Síveres (2015, 2016, 2018)), among other authors, this investigation brings other reflections and analyzes.

Keywords: Childhood. Affectivity. Dialogue. Child education.

¹ Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual de Goiás (UEG) | Email: elizamar.ueg@gmail.com

² Universidade Estadual de Goiás (UEG) – Unidade Universitária de Luziânia, Luziânia – GO, Brasil.

1- INTRODUÇÃO

A afetividade na Educação Infantil tem sido considerada um mecanismo capaz de propiciar o processo interativo do professor e educando no espaço escolar. Para Síveres (2016) a afetividade e o diálogo, são pontos de equilíbrio no processo de ensino e aprendizagem. Refletindo nisso, a atenção, emoção, afeição, pode contribuir no desenvolvimento cognitivo, estimulando a técnica educativa durante a escolarização.

Dessa forma, a questão que norteou a pesquisa foi: como o diálogo favorece a afetividade na Educação Infantil? Pensando nisso, o objetivo desse estudo foi compreender como o diálogo contribui para a afetividade na Educação Infantil. E, os objetivos específicos foram: conceituar a afetividade; conceituar o diálogo e verificar quais as contribuições do diálogo para a afetividade na Educação Infantil.

O tema se justifica pela necessidade de pesquisa, pois são poucos trabalhos voltados para a afetividade na Educação Infantil, desse modo, uma discussão acerca desse tema poderá contribuir com o meio acadêmico e com a relação entre professor e educando e o fazer docente na Educação Infantil, permitindo uma atenção na atuação dos profissionais que atuam na escola nesse âmbito escolar, especificamente na pré-escola.

O referencial teórico empregado nesse estudo terá como base a lei: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEN (2017); as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil – DCNEI (2009); a Base Nacional Comum Curricular (2018). Em relação à afetividade e o diálogo, foram utilizados: Chalita (2001), Freire (2000, 2011), Saviani (2008); Severino (2009); e, Síveres (2015, 2016, 2018), dentre outros.

Como embasamento teórico, foi utilizado o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – RECNEI (1996). Para enfatizar, a afetividade e diálogo na Educação Infantil, foram utilizados, Ludke e André (1986) que enfatiza a importância da pesquisa no meio acadêmico, Síveres (2018) que destaca o diálogo e afetividade como ferramenta de conhecimento, dentre outros.

Inicialmente apresentaremos a metodologia da pesquisa enfatizando a importância da afetividade e diálogo. Depois, destacaremos a abordagem teórica e diálogo como práxis, uma prática libertadora na Educação Infantil. Prossegue a construção social na Educação Infantil: Aspectos históricos e legais, conceituado afetividade e diálogo na Educação Infantil como evolução do ser humano.

2. ABORDAGEM TEÓRICA

2.1. O Diálogo como Práxis

Freire (1921-1997) trouxe inúmeras contribuições sobre o diálogo (fenômeno humano) e a práxis docente, para tanto o autor ressalta a essência do diálogo como uma prática libertadora. Nesse sentido, o diálogo relacionado ao docente aparece não como uma simples maneira de expor ideias acumuladas (depositadas), mas como prática de liberdade, assim, a mesma não se encontra na relação de dominação, mas em um compromisso de amor.

É interessante a relação que Freire (1987) faz entre o diálogo e o amor, que aparece como um comprometimento com uma causa, um ato de coragem, de valentia, ou seja, o amor está na causa de se comprometer em libertar os oprimidos e se esse amor não existe não é possível o diálogo, que para ele só é possível se o amor existir.

Por outro lado, o diálogo não pode ser um ato arrogante, para que o diálogo aconteça é preciso humildade. Desse modo, o diálogo não se instaura na alienação, é preciso se reconhecer para conhecer o outro, vendo que a contribuição desse não é um ato de ofensa. E a fé, que aparece em sua fala como a crença no homem, não no sentido ingênuo, mas na convicção que este pode constituir-se e renascer.

Nas ideias de Freire (1987) o diálogo aparece de forma horizontal, fundado no amor, na humildade e na fé nos homens. Nessa relação não existe espaço para uma educação bancária, por isso a mediação vai além da troca de ideias ou da exposição de assuntos relevantes, envolve o desenvolvimento do pensamento crítico, que é uma prática libertadora.

Freire (1987) lembra que esse diálogo deve ser pensado pelo docente antes que o encontro aconteça, assim, o diálogo começa ainda na busca do conteúdo programático, ou em torno da pergunta que irá promover o diálogo para que a educação autêntica aconteça, essa que se faz nos anseios, nas dúvidas, nas esperanças e desesperanças, ou seja, não se reduz ao ato mecânico de se ensinar alguma coisa, envolve significados, ações e pensamentos.

O método de Freire³ mostra que o ensinar envolve significados e que a alfabetização não precisa ser realizada de maneira mecanizada, ou seja, ela pode ser transformadora, trazendo sentido. Ao falar do universo das palavras faladas, Ernani Maria Fiori (1987), que motivou muitas reflexões do livro *Pedagogia do Oprimido* enquanto dialogava com Freire, diz

³ Método de alfabetizar adultos desenvolvido por Paulo Freire que se baseia em palavras geradoras (são palavras do universo vocabular do alfabetizando) e favorecem a aprendizagem e seu conhecimento de mundo, o liberta.

que essas palavras são geradoras porque ao combinarem elementos básicos propiciam a formação de outras e trazem significados e (re) significados, segundo ele, talvez o sentido mais exato da alfabetização seja de aprender a escrever para a sua vida, contando a sua própria história, sua existência, numa prática de liberdade.

Nesse sentido, o diálogo para Freire traz sentido ao fazer docente, pois propõe uma prática transformadora e seu método é um exemplo de que ensinar pode ser transformador, tanto para quem ensina quanto para quem aprende. Suas análises e reflexões são provenientes também de experiências, diálogos e encontros, alguns encontros ocorreram em formação de professores em que ele dialogava e escutava as experiências docentes, essas que também o inspiraram em suas obras.

De acordo com Freire (1987, p. 78): “O diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para *pronunciá-lo*, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu” (grifo do autor). Nessa relação entre os homens acontece o diálogo, mediatizado pelo mundo, como afirma o autor, por isso, ele deixa claro a sua preocupação com o ser humano, mostrando que o diálogo pode promover uma prática transformadora.

2.2 Educação Infantil: Aspectos históricos e legais

A educação é uma dimensão social na evolução do ser humano, por ser considerada liberadora na sua prática. Segundo Freire (2011), na educação é realizado conquistas, aspirações e sonhos, assim, a educação precisa ser pensada como parte integrante e indispensável na sociedade. Assim, a educação é compreendida como prática libertadora que desperta no sujeito a capacidade de promover a humanização que transforma a realidade social, por ser um espaço na construção de identidade cultural.

Nesse contexto, o objetivo dos estudos nos aspectos históricos é analisar o processo da evolução da educação, baseadas em fatos científicos. Conforme, ressalta Saviani (2008), a educação é encontrada em todas as sociedades: de forma simples e homogênea, vinculada a fatos primitivos com diversidades e complexidades. A educação aparece de maneira diferenciada em todos os setores da sociedade, de acordo com esse pensamento, autores discutem sobre a curiosidade de compreender o mundo da educação na infância e seus efeitos sociais.

Dessa forma, a educação é debatida em distinto contexto, e com ponto de vista diferente, Freire (2000) afirma que teorias são questionadas, na medida em que a infância não é vista como prioridade, principalmente a educação na infância, sendo um período essencial

no saber, ou seja, nessa ocasião que se constitui, espaço e tempo de aprender, isto é, nessa fase de aprendizado que o educando possui a capacidade de adotar os saberes, de entender o que ainda não entende.

Partindo dessa compreensão dos autores, todo desempenho educacional ocorre de forma diferenciada, à família possui papel primordial, tanto nos estímulos, quanto nas orientações familiares no processo de aprendizagem. Contudo, por muito tempo, o processo educacional ficou por intermédio e responsabilidade somente da família, sendo um espaço em que a família administrava toda a formação educacional. Portanto, com o passar dos anos a educação foi sendo ampliado nas instituições escolares, ou seja, na construção do saber social, mas lentamente.

Antes de iniciar propriamente ao estudo da Educação Infantil, precisamos compreender como ocorreu o processo educacional no Brasil. De acordo com Camargos (2018) a educação surge no Brasil colônia com os jesuítas, deduzimos então que essa educação tinha um cunho religioso como notamos nas disciplinas que eram lecionadas “Catecismo, Leitura, Escrita e Cálculo” (2018, p. 02).

Era uma educação evangelizadora que partia dos curumins aos filhos dos colonos, contudo nessa época apenas os homens tinham esse acesso à educação, para as mulheres a educação era proibida. O plano educacional que vigorava era o Ratio Studiorum, em duas formas, para os indígenas o foco era na leitura, escrita e operações matemáticas, enquanto que para os filhos dos colonos era uma educação mais culta, mais elevada, intelectual (CAMARGOS, 2018).

De acordo com Camargos (2018) com a expulsão dos jesuítas em 1759, ocorreram algumas mudanças, como: concursos e exames para assumir cargos ou a criação de escolas menores com taxas a serem cobradas, mas a substituição dos professores jesuítas durou cerca de 13 anos, um período longo para uma transformação educacional.

Dessa forma, na época a educação passa a ser vista com certo status social, uma ascensão social, com isso à classe média passou a buscar a escola com essa finalidade de status. Depois com a chegada da família real mais mudanças ocorreram, mas o que mais chama atenção é a efetivação dos três níveis da educação: primário, secundário e superior (CAMARGOS, 2018).

No Brasil essa realidade do pensar a Educação Infantil surgiu mais tarde e ainda num contexto assistencialista, o objetivo era ajudar as mulheres que tinham a necessidade de trabalhar fora e não tinha com quem deixar seus filhos ou então as viúvas desamparadas (PASCHOAL; MACHADO, 2009). Conforme Paschoal e Machado (2009) além dessa ajuda

o objetivo era combater a mortalidade infantil, a desnutrição das crianças e também o elevado número de acidentes domésticos.

Outra forma assistencial vista no Brasil era a roda dos expostos ou excluídos como explicam Paschoal e Machado (2009)

Esse nome provém do dispositivo onde se colocavam os bebês abandonados e era composto por uma forma cilíndrica, dividida ao meio por uma divisória e fixado na janela da instituição ou das casas de misericórdia. Assim, a criança era colocada no tabuleiro pela mãe ou qualquer outra pessoa da família; essa, ao girar a roda, puxava uma corda para avisar a rodeira que um bebê acabava de ser abandonado, retirando-se do local e preservando sua identidade. Por mais de um século a roda de expostos foi à única instituição de assistência à criança abandonada no Brasil (PASCHOAL; MACHADO, 2009, p. 05).

Diante disso, é possível verificar que a educação infantil estava voltada à assistência, ou seja, como um apoio para as mulheres, sobretudo àquelas que não encontravam outra forma de apoio da própria família ou da sociedade. Depois da exclusão desse modelo de assistencialismo, no fim do século XIX e início do século XX passamos a observar a implantação de creches e jardins de infância, em três formas: jurídico-policial, médico-higienista e religiosa e sempre o objetivo era o combate às elevadas taxas de mortalidade infantil, conforme ressaltam Paschoal e Machado (2009).

Avançando nesse período histórico chegamos ao período industrial, com essa industrialização a mão de obra feminina passa a ser necessária nas fábricas, para Paschoal e Machado (2009) é nesse contexto que começam a busca por direitos entre eles: a criação de instituições de educação, para que assim elas pudessem sair para o ambiente de trabalho e ter a tranquilidade de deixar os filhos num local preparado e seguro.

E é interessante pensar que apesar dessa busca, eles não pensavam no fato de criar um ensino que fosse pautado em todos os aspectos globais da criança para que pudesse auxiliar na sua formação como um todo gerando benefícios futuros, mas sim apenas uns lugares ambientes que tivessem como deixar as suas crianças, em suma podemos compreender que os direitos eram reservados aos pais e não as crianças em si (SOUZA et al, 2014).

Surgem então as creches e jardins de infância, contudo é necessário pontuar que cada um atendia um determinado público alvo, as creches atendiam as crianças mais desfavorecidas impedindo de estarem nas ruas, no ambiente da creche teriam direito ao abrigo em si e comida e roupa. Os jardins de infância privados eram destinados às elites e iam além do ato de cuidar a ponto de usarem a palavra pedagógica, ou seja, notamos nesse contexto a separação entre os atendimentos das crianças, as elites consequentemente tinham oferta

diferenciada de atendimento, possuía o acesso à palavra pedagógica (SILVA; SOUSA, 2017). Em análise é perceptível que a responsabilidade da educação era exclusiva da família, mas com o surgimento da legislação existe outra realidade na Educação Infantil.

Em relação aos aspectos históricos na educação, Saviani (2008) lembra que nos séculos XIX e XX, vimos uma organização de ensino que reflete as condições socioeconômicas do país e revelam cenários políticos que indicam desafios, dessa forma, o debate sobre a educação passa a ser questionado, ganhando maior visibilidade, assim os órgãos competentes que tratam a política educacional passam a pensar nessa fase.

Nesse sentido, com a Lei n°. 9.394/96, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN, essa visibilidade voltada para o atendimento escolar de crianças pequenas toma forma, com a inclusão dessa etapa na educação básica, passando então a compor a educação básica brasileira, como a primeira etapa.

Naquela ocasião, em 1996, a Educação Infantil era composta por creche (de zero até três anos de idade) e pré-escola (de quatro a seis anos de idade). Posteriormente, com a ampliação do ensino fundamental para nove anos, lei complementar n°.11.274/06, as crianças de seis anos de idade (completos) passaram a compor o ensino fundamental e a educação infantil passou a atender crianças de até cinco anos de idade.

Em relação às faixas-etárias e data de corte etário para às matrículas, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil – DCNEI (2009) apontam que crianças que completarem seis anos de idade até 31 de março deverão ser matriculadas no ensino fundamental, assim, crianças que completam seis anos após essa data serão matriculadas na pré-escola da Educação Infantil. Em relação ao atendimento escolar na educação básica, a LDBEN estabelece que:

Uma educação com proposta de fortalecer o educando no seu desenvolvimento integral relacionado ao âmbito escolar. No Art. 03, o ensino visa ser ministrado para sanar a desigualdade e promover a igualdade para aos que não têm acesso a educação. No Art, 04, informa o atendimento na educação básica, afirmando que é obrigatória e gratuita dos 04(quatro) anos de idade, e aos 17(dezessete) anos de idade, de acordo com a organização da legislação (BRASIL,2017, p. 02).

Portanto, os aspectos históricos contribuíram para que a Educação Infantil fosse incluída na educação básica, o que traz subsídios norteadores para o trabalho do docente com crianças pequenas. Outro aspecto importante é a finalidade educativa apontada na legislação que destaca como finalidade o “desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da

comunidade” (BRASIL, 1996, p. 22).

Assim, percebe-se que a Educação Infantil é um lugar em que a educação deve ser trabalhada de forma a complementar a ação da família e da sociedade, apesar de ser bastante comum vermos pais que colocam nas mãos dos professores e escolas a educação dos filhos, segundo Souza et al (2017) é um trabalho em parceria que deve ser iniciado em casa e posteriormente no ambiente social – escola, o professor irá trabalhar os aspectos e especificidades do aluno beneficiando assim na construção do sujeito e toda a sua formação.

Em relação aos conteúdos que serão desenvolvidos no âmbito escolar, foram criadas referências que norteiam o currículo escolar. O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – RCNEI (1998) descreve a condição de atuação dos profissionais envolvidos de maneira explícita relacionada à educação, no referencial específica à formação docente nos aspectos pedagógicos, com orientações didáticas aos conteúdos, respeitando todas as diversidades sociais e culturais na educação.

Essas referências quando foram pensadas visavam o atendimento escolar de crianças de até seis anos de idade, que naquela ocasião integravam a Educação Infantil, mesmo assim suas orientações didáticas acerca dos conteúdos escolares se integravam aos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN (1998) nessa integração foram formuladas propostas e discussões com todo corpo docente de universidades públicas e particulares, profissionais de secretarias estaduais e municipais, e representantes de diferentes áreas de conhecimento, para debaterem a legislação que ressalta claramente a importância da formação educacional em âmbito nacional (BRASIL, 2018).

Com a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2018) outras discussões relacionadas aos conteúdos escolares da Educação Infantil aconteceram, essas discussões levaram à formulação da BNCC com vistas ao atendimento do educando em todas as etapas da educação básica, a fim de que fossem considerados conteúdos comuns a essas etapas, independente da região do país. Dessa forma, a BNCC não elimina os avanços legais que ocorreram anteriormente, mas propõe seis direitos de aprendizagem para crianças dessa etapa escolar, além de trazer conceitos inerentes à infância, escola, Educação Infantil.

A BNCC foi elaborada como um processo de construção, temos nela, o apoio, implementação de integrar a política nacional da educação básica como referência nacional. Nesse sentido, a BNCC, é de fundamental importância para contemplar toda dimensão de desenvolvimento infantil. Ou seja, contemplar a infância com habilidades e atitudes, a sociedade passa a obter resultados positivos no âmbito educacional.

3. METODOLOGIA

Diante da necessidade de compreender como o diálogo colabora com afetividade na Educação Infantil, a pesquisa foi qualitativa de cunho bibliográfico. Ludke e André (1986) afirmam que a pesquisa é um veículo inteligente e ativo do conhecimento acumulado na área, por isso os autores destacam a importância da investigação científica e das evidências que serão estabelecidas no começo e fim de uma pesquisa.

A orientação da pesquisa qualitativa aponta a compreensão da afetividade e o diálogo na realidade do professor e educando na Educação Infantil. De acordo com Severino (2009) a intenção da pesquisa qualitativa, consisti em produzir novos conhecimentos científicos. Isto é, buscam respostas e soluções no surgimento dos diferentes problemas identificados no cotidiano da educação.

Nesse sentido, Ludke e André (1986) afirmam que a pesquisa qualitativa defende e harmoniza a afetividade e diálogo no ensino aprendizagem. Visto que a concepção da afetividade é ampla e apresenta elementos que possui práxis, ou seja, contribuem diretamente no processo de intervenções realizadas no âmbito escolar. Assim as pesquisas contribuem e auxiliam no comportamento dos gestores, professores e educados.

Desse modo, a pesquisa bibliográfica também, faz-se presente na esfera da educação, com objetivo de aprofundar conhecimentos acerca da temática dos pesquisadores. Nesse caso, expandiu-se a formalidade do estudo exploratório, por meio de uma pesquisa bibliográfica, com necessidade de conhecer distintas revisões literárias, a pesquisa possibilita uma maior participação acadêmica com relação ao conteúdo pesquisado.

Durante a pesquisa foram utilizados artigos da base de dados Scielo, livros, dissertações, legislações e demais textos que abordam o tema da afetividade e diálogo na Educação Infantil, com o intuito de analisar o que os autores estavam pesquisando acerca da temática e verificar o referencial teórico utilizado.

Vale ressaltar que Severino (2009) destaca que a pesquisa bibliográfica propicia ao professor à condição da instrução da aprendizagem por meio da prática de leitura constante. Ou seja, é necessário envolver-se constantemente para obter uma formação continuada técnica e científica.

3.1. Dados pesquisados e analisados

A pesquisa foi realizada com procedimentos bibliográficos, que determinam o pensamento reflexivo, em busca de construir uma direção para conhecer a realidade do mecanismo estudado, tendo como objetivo proporcionar respostas ao problema apresentado nesta pesquisa. Sendo considerado, o afeto, o carinho, o olhar e atenção, expressões que modificam a visão do educando durante o processo de aprendizagem acerca da questão de pertencimento e socialização.

Para Chalita (2001) o projeto educacional é formado com a participação afetiva no aprendizado, tanto na escola, como no contexto familiar. Portanto, a afetividade e o diálogo na Educação Infantil, com a interação do professor e educando são fundamentais. Ou seja, durante a pesquisa ficou visível à necessidade da afetividade e o diálogo para superar os desafios que surgem no decorrer do processo de ensino aprendizagem na Educação Infantil.

Com a pesquisa percebe-se que os resultados foram alcançados, conforme a problemática apresentada, tendo em mente que o estudo científico é um processo permanente e inacabado em busca do conhecimento. Para Ludke e André (1986) a compreensão, análise e interpretação dos fatos durante a pesquisa, proporcionam experiências pessoais e construções profissionais.

Freire (1987) afirma que além da consciência adquirida do pesquisador, professor durante uma pesquisa, é modificado a forma de ensinar e aprender. Essa consciência se politiza no processo político, cultural e pedagógico, onde são confirmados as decisões e compromissos do professor, diante do aprendizado. As contradições na educação são complexas, mas é possível distinguir-se, a educação que conscientiza e as contradições humanas.

Diante disso, acerca do tema abordado fez-se necessário analisar a afetividade na Educação Infantil, e o diálogo, com relação às emoções na formação dos professores, e a reação do educando diante desse contexto. Para Miranda (2010) a influência da afetividade na Educação Infantil, e o diálogo são significativos na interação e relações sociais das crianças, são pré - requisitos para a construção do conhecimento, desde a mais tenra idade.

Portanto, foi possível analisar que é na infância que a criança compreende e vivencia dos acontecimentos ao seu redor, é onde acontece a extensão do aconchego da família e escola, para um futuro mais seguro com relação ao seu desenvolvimento humano. Na infância é importante que valores familiares e sociais sejam construídos, visto que é nessa fase que é construído o entendimento das relações, para se tornar um adulto com discernimento e

sabedoria, daí a importância do diálogo e da afetividade na Educação Infantil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A afetividade na Educação Infantil: Um estudo a partir do diálogo do professor e educando, é um tema importante no meio acadêmico, pois o diálogo e afeto são considerados fatores significativos no desenvolvimento infantil, tanto na cognição, coordenação motora e ludicidade. Nesse processo de desenvolvimento e pertencimento social, a criança sente proteção, além de se sentir mais segura das suas ações com relação a interação no ambiente familiar e escolar.

Quando refletimos sobre o processo social da aprendizagem na Educação Infantil, surgem muitos questionamentos acerca da atenção e interação do professor e educando. Ou seja, a afetividade e o diálogo estão presentes no cotidiano escolar. A postura do professor diante das expressões, acerca das emoções, sentimentos e comportamentos dos educados, são fatores que influenciam diretamente na formação educacional.

Nessa relação mútua de professor e educando no processo de aprendizagem, o objeto de estudo da afetividade e diálogo se desenvolve de forma satisfatória, possibilitando o conhecimento com maior facilidade. Percebe-se nitidamente durante os estudos da pesquisa que o professor precisa criar vínculo que promova o diálogo e afeto com os educados, assim desperta a curiosidade e vontade de aprender do educando.

Essas atitudes afetivas possuem significados que podem influenciar diretamente na mediação pedagógica e no efeito do processo de aprendizagem. Percebe-se, portanto, que na Educação Infantil, é imprescindível uma formação continuada para o sucesso no exercício profissional, devido à realidade que nos deparamos como a evolução humana e os efeitos tecnológicos, que transformam a sociedade e seu ambiente educacional.

O entendimento sobre o tema abordado influencia diretamente na organização social, e também na forma de compreender e pensar sobre os diferentes aspectos da convivência humana, inclusive na formação educacional. Assim, percebe-se, que a educação brasileira possui pouco material didático sobre as relações afetivas no ensino, sendo fundamental a construção de propostas e pesquisas que abordam esse tema e que atinjam diretamente a formação profissional e educando no seu aprendizado.

Durante a pesquisa foi encontrado dificuldades com relação ao acesso de material didático, ainda existe poucos campos de pesquisas sobre o tema abordado, o que acionou um aprofundamento científico que proporcionou um desconforto no que se refere ao

conhecimento adquirido. Mas foi superado, devido à insistência em encarar os desafios encontrados durante a pesquisa. Por isso, outras pesquisas acerca da afetividade e do diálogo ainda são necessárias, outras que dizem respeito ao diálogo na mediação docente e estudante no ensino médio, por exemplo.

4. REFERÊNCIAS

_____. Base Nacional Comum Curricular. **Educação Infantil e ensino Fundamental**. Brasília: MEC/ Secretária de educação Básica, 2017.

_____. LDB: Lei de diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2018.

_____. LDB: Lei de diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: 2006 http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111274.htm, Acesso em: 21 abr 2020.

_____. Ministério da Educação. **Secretaria de Educação Básica**. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil /Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2009.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/introducao.pdf>>. Acesso em: 21 abr. 2020.

_____. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998. 3v.: II.

CAMARGOS, Ailton. Educação no Brasil: Da Colônia ao Início da República. **Revista Brasileira de Educação e Cultura** – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo. Número XVII Jan-jun 2018. Disponível em: <<http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura/article/view/355/486>>. Acesso em: 21 abr. 2020.

CHALITA, Gabriel. **Educação: A solução está no afeto**. 5. ed. São Paulo: Editora Gente, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra: 2011.

_____. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos** Freire, P. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MIRANDA, Simão de. **Afetividade e autoestima da criança** / Simão de Miranda 1. Ed, - Fortaleza: Editora IMEPH, 2010.

PASCHOAL, Jaqueline Delgado; MACHADO, Maria Cristina Gomes. A história da

educação infantil no Brasil: avanços, retrocessos e desafios dessa modalidade educacional. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n.33, p.78-95, mar. 2009 - ISSN: 1676-2584. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/33/art05_33.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2020.

SAVIANI, Dermeval. **Educação brasileira**: estrutura e sistema, 10ª Ed. Campinas, 2008. Autores Associados.

SEVERINO, Antonio Joaquim. Docência universitária: a pesquisa como princípio pedagógico. **Revista ambiente educação**, São Paulo, v. 2, n.1, p. 120-128, jan./jul. 2009.

SILVA, José Ricardo; SOUSA, Fabiana Lohani de. **Aspectos históricos da Educação Infantil no Brasil**. Colloquium Humanarum, vol. 14, n. Especial, Jul–Dez, 2017, p. 188-194. Disponível em: <<http://www.unoeste.br/site/enepe/2017/suplementos/area/Humanarum/4%20-%20Educa%C3%A7%C3%A3o/ASPECTOS%20HIST%C3%93RICOS%20DA%20EDUCA%C3%87%C3%83O%20INFANTIL%20NO%20BRASIL.pdf>>. Acesso em: 21 abr. 2020.

SÍVERES, Luiz. **Diálogo**: Um processo educativo. Brasília: Liber Livro. 2016.

SOUZA, Daiane Lanes de. Et al. **Educação infantil no Brasil**: do assistencialismo a conquista do direito. Associação Internacional de Pesquisa na Graduação em Pedagogia (AINPGP). Santa Maria/ RS, 2014.